

**Organizado por: Marina Alves Amorim,
Maria Isabel Araújo Rodrigues e Letícia Godinho**

Histórias de Gestores Governamentais

Formação e Experiência Profissional de
Egressos do Curso de Administração Pública
(Csap) da Fundação João Pinheiro (FJP)

Belo Horizonte

Fundação João Pinheiro | 2019



Maria Isabel Araújo Rodrigues

CAPÍTULO SEIS

AS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES



ANDRESA LINHARES DE OLIVEIRA NUNES

Descobri um gosto muito grande por algumas áreas do Direito durante o curso, em especial pelo direito administrativo. Meu primeiro estágio extracurricular foi na Secretaria de Fazenda, na Superintendência Administrativa, onde fui trabalhar justamente nessa área de direito administrativo. Fui fazer estágio em uma coordenação chamada Gestão de Serviços. Era a unidade responsável por todos os estudos e pela gestão dos contratos de serviços terceirizados da Secretaria de Fazenda. Foi uma experiência muito bacana porque a receptividade do órgão foi ótima: conheci as atividades e consegui fazer parte da equipe, aprendendo muito.

No início da Consultoria Júnior, realizei alguns trabalhos. Participei ainda de iniciação científica na Fundação João Pinheiro e de um projeto de intercâmbio, em parceria com a Associação de Municípios do Médio Jequitinhonha. Essa última experiência foi fantástica para mim! Fizemos um diagnóstico de dois municípios do Médio Jequitinhonha. Ter contato com uma realidade muito diferente da nossa em termos de gestão pública foi algo que me marcou muito.

EMANUEL CAMILO DE OLIVEIRA MARRA

Eu fiz estágio desde o segundo período do curso. Comecei na Superintendência de Finanças da Secretaria de Meio Ambiente. Depois eu fiz estágio no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico. Fiz ainda um outro, antes de ingressar no Curso de Administração Pública, pelo

Curso de História, no Departamento de Trânsito de Minas Gerais (Detran), para emissão de documento de veículos. Não tem nada a ver com História e acho que não tem nem a ver com Administração, mas aquele estágio me deu sensibilidade para uma discussão sobre a heterogeneidade da sociedade e da própria história da burocracia no Estado. Foi bem legal. Eu gostei muito do estágio no Detran.

Outra atividade que me marcou muito foi a participação no Projeto Rondon, quando fomos para Jaçanã, no interior do Rio Grande do Norte.

FLÁVIA ALVES GUIMARÃES

Acho que participei de todas as atividades extracurriculares oferecidas pela Escola de Governo. Eu comecei na Consultoria Júnior, na Diretoria Financeira, junto com duas colegas de turma. Eu aprendi muita coisa com o diretor, que era veterano. Aprendi a trabalhar em equipe, a organizar um cronograma, a organizar o desenvolvimento das atividades. Mas, mesmo gostando da experiência, eu não me sentia conectada; achava que poderia contribuir mais de outra forma.

Foi quando participei da organização do primeiro Prática Pública. Eu me lembro que não cheguei a contribuir muito com o planejamento em si, que eu contribuí mais no dia. Mas foi uma boa oportunidade. Na época, foi, quando começaram a falar da organização do próximo Encontro Nacional dos Estudantes de Administração Pública, que seria realizado em Minas Gerais. Eu aproveitei para pedir para participar da organização como coordenadora. As coordenações já estavam todas preenchidas, mas deixaram que eu participasse das reuniões, o que foi ótimo. Um tempo depois acabei me tornando coordenadora também, para tratar das relações com os outros diretórios acadêmicos, tentando ajudar na parte de comunicação do evento e de apoio às delegações que viriam para Minas Gerais.

A partir do envolvimento com a organização desses eventos, eu comecei a me envolver com outras coisas. Na época, a Consultoria Júnior estava fazendo a reestruturação do Núcleo Social, e acabei me tornando coordenadora dele. É que, antes de coordená-lo, mas ainda na Consultoria Júnior, eu participei de um projeto externo, uma pesquisa sobre assistência social, educação e saúde em Belo Horizonte, Santa Luzia e Ribeirão das Neves. Íamos nas escolas, nos centros de saúde. Fazíamos parte da equipe de campo. Essa experiência foi muito legal! E ela me estimulou a não querer continuar na Diretoria Financeira da João Pinheiro Júnior e a participar mais das reuniões do Núcleo Social e a depois me candidatar para a sua coordenação.

Na época que coordenei o núcleo, quando tentávamos reestruturá-lo, percebi que a ideia dos negócios sociais não iria para frente, pois havia uma resistência na própria consultoria em relação ao núcleo como “negócio”. Embora eu tentasse, uma parte da diretoria entendia que o núcleo deveria sair, tornar-se a terceira frente de trabalho dos alunos. Porque já existia o Diretório Acadêmico e a Consultoria Júnior. Foi quando mudamos a proposta de incubadora de projetos de negócios sociais para um espaço de desenvolvimento de projetos sociais. Não só eu, mas outros colegas se sentiam muito incomodados com a falta de contato dos alunos com outra realidade. O primeiro projeto do núcleo foi o *Repensar*, apresentado em um dos eventos sobre responsabilidade social da Fundação João Pinheiro.

Fui também vice-presidente do Diretório Acadêmico. Com isso, assumi outras atividades, entre elas a participação em uma comissão para discutir o concurso público. Sentíamos falta de ver diversidade na Escola de Governo. Na minha sala mesmo, acho que tinha apenas uma aluna negra. Era muito aluno originário de grandes colégios particulares de Belo Horizonte, poucas pessoas do interior e poucas pessoas com condições socioeconômicas mais baixas. A comissão era constituída por professores, egressos do curso e alunos e, ao final, gerou um relatório que foi

entregue às autoridades competentes. As cotas implementadas agora têm sua origem nesse relatório.

Participei também do Projeto Rondon, que era muito disputado, e fiz estágio extracurricular. Meu primeiro estágio foi na Secretaria de Meio Ambiente e, como em todo primeiro estágio, eu tirava xerox e organizava arquivo. Depois eu fiz um ano de estágio na Subsecretaria de Direitos Humanos; na época, ela pertencia à Secretaria de Desenvolvimento Social. Foi lá que eu comecei a perceber como funciona na prática a rotina do serviço público. Saí de lá para iniciar o estágio obrigatório na Secretaria de Agricultura e Pecuária.

Lembro-me de disciplinas de que eu não gostei, de momentos que eu fiquei desmotivada, mas a verdade é que, paralelamente, eu estava tão envolvida com outras coisas que não dei importância para isso.

GLICÉLIO RAMOS SILVA

Eu fui bolsista de um programa da época, o *Minas Fácil*. Era um plano do governo para tentar facilitar a abertura de empresas em Minas Gerais. Eu não consegui produzir muita coisa. Na verdade, eu acho que muita gente que fez o estágio também não conseguiu produzir muita coisa. Era um programa que estava engatinhando, e os alunos do Curso de Administração Pública puderam contribuir só com algumas coisas.

HIGOR ALFREDO DAMASO DA SILVA

Pode até parecer clichê, mas eu acho que todas as atividades extracurriculares que eu fiz contribuíram de certo modo para mim. Por exemplo, eu fiz dois estágios na Fundação João Pinheiro. Um deles, no Centro de Estatística e Informação, no projeto de *déficit* habitacional. Foi bem interessante. Na época, precisamos realizar algumas compras. E eu lembro que estava cursando a disciplina Direito Administrativo I e aprendendo mais ou menos como é que funcionavam as compras públicas. Nesse trabalho, eu consegui aplicar a teoria da sala de aula na prática do ambiente de trabalho. O outro estágio foi na tesouraria da Fundação.

Fiz um estágio na Secretaria de Estado de Defesa Social de que gostei muito também. Foi onde fiz coisa diferente. Era época de preparação para a Copa do Mundo e eu trabalhei no Centro Integrado de Comando e Controle, o CICC.

Além dos estágios, eu também gostei bastante do Projeto Rondon, do qual participei quando estava no sétimo ou oitavo período do curso. Fui para Barreira, no Ceará. Fomos eu e o pessoal da minha sala. Foi uma experiência muito bacana, tanto é que eu até tenho vontade, por exemplo, de participar de novo como professor. Gostei também de participar de dois projetos de extensão. Um foi o *Fica Ativo*. No outro, ministramos aulas em uma escola em Venda Nova de educação de jovens e adultos.

JAIME AUGUSTO FREITAS QUEIROZ

Para a primeira turma do curso, não teve atividade extracurricular ou atividade diferenciada alguma. O que contribuiu um pouco foi o meu trabalho, que dava uma visão dos resultados da administração pública diretamente na educação.

JULYE BESERRA

Ao longo do curso, realizei dois estágios extracurriculares; um na Secretaria de Transportes e Obras Públicas (Setop), outro na Secretaria de Planejamento (Seplag), onde eu acabei fazendo o estágio obrigatório. Os dois foram legais, mas o da Setop me ensinou muito mais do que o outro. O da Seplag era um pouco mais operacional. Na Setop, apesar de ser operacional, eu aprendi coisas bem diferentes, que consigo usar na Secretaria de Saúde hoje.

MARIA DE FÁTIMA PACHECO FLEURY

Fui bolsista de iniciação científica do CNPq por dois anos. Era um trabalho de pesquisa. Passávamos praticamente o dia inteiro na Escola de Governo; tínhamos aula pela manhã e trabalho à tarde. A pesquisa consistia em um levantamento muito grande de um organograma da administração pública desde início da República. Foi bem longo e recheado de informações, tanto para a gente quanto para os pesquisadores e o Governo. Foi

muito positivo aprender a trabalhar com as fontes de informações técnicas do Estado e saber criar novos objetos a partir dessas fontes.

MÔNICA MOREIRA ESTEVES BERNARDI

Ao mesmo tempo em que foi super interessante eu ter trabalhado e feito o curso, ao mesmo tempo, foi ruim. Isto porque, na época, a Escola de Governo oferecia muitas atividades extracurriculares, e eu quase nunca podia participar. Durante todo o dia, estava envolvida com as aulas regulares e o trabalho.

THIAGO BERNARDO BORGES

Fiz dois estágios ao longo do curso, mas, por já ter passado muito tempo, agora só estou lembrando do estágio que fiz na Secretaria de Turismo. Lembro-me porque fui estagiário lá em duas ocasiões. Participei também da Consultoria Júnior, primeiro como consultor, depois como diretor.

Participei de uma atividade de imersão em Araçuaí que foi muito importante. É fundamental conhecer o Estado antes de efetivamente começar a trabalhar. Essa atividade me deu um choque de realidade. Na faculdade, achava que tudo era lindo, que tudo funcionava e que as pessoas eram motivadas. Durante a imersão, vivenciei a realidade: as dificuldades, as intrigas políticas, as relações, que não são fáceis. Além disso, parte da família da minha mãe vive em comunidades mais simples, então eu já conhecia o que era uma comunidade assim. Mas parte da turma que foi comigo não conhecia. Para eles, a vivência foi ainda mais importante.